



Mulheres no ensino agrícola: desafios enfrentados pelas estudantes de origem rural para permanecerem em uma escola técnica no interior de Mato Grosso

Women in Agricultura Education: Challenges faced by students of rural origin to remain in a technical school in the interior of Mato Grosso

VIEIRA, Aline Oliveira¹; RAMOS, Polyana Rafaela² PAZ, Brenda Vieira³

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT Campus Confresa, vieira.a@estudante.ifmt.edu.br. ² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT Campus Confresa, polyana.ramos@ifmt.edu.br. ³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT Campus Confresa, brendavieiracfs@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismo e Diversidade na Construção Agroecológica

Resumo: O estudo teve como objetivo diagnosticar as principais dificuldades e desafios das estudantes de origem rural em acessar e permanecer no ensino técnico agrícola. Para isso, entre os meses de maio e junho de 2023 foi feita a pesquisa de campo com uso de questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, tendo como público alvo jovens estudantes do ensino médio (1 ao 3º ano) integrado Técnico em Agropecuária do IFMT – *Campus* Confresa. Das 90 alunas matriculadas no curso, 58 participaram da pesquisa, onde a maioria (66,7%) os pais possuem propriedades em áreas de assentamento na região. Estas veem no ensino técnico agrícola uma oportunidade de formação e busca de melhorias nas condições de vida e trabalho na terra, porém como ainda é um território tradicionalmente masculino, muitos desafios surgem nesse caminho, dentre os quais destacamos principalmente desigualdade na oferta de vagas nas residências, preconceito, dificuldade em conseguir estágio.

Palavras-chave: direito à educação; desigualdade de gênero; empoderamento; formação técnica.

Introdução

Vivemos em uma sociedade que carrega em sua estrutura o patriarcado e o machismo, os quais dividem e diferenciam os papéis sociais entre homens e mulheres em diversos âmbitos, empregando uma espécie de rótulo para definir como se comportar e ser (BALSAMO; PENIZ, 2021). Com isso, observamos um tabu o qual julga se a mulher pode ou não estudar, que curso escolher, que área deve seguir e com isso, muitas mulheres enfrentam obstáculos para seguir seus objetivos o que leva muitas delas à desistência.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – Campus Confresa, localizado na região nordeste de Mato Grosso, conhecida por muitos



como “vale dos esquecidos” ou “Baixo Araguaia” tem consigo uma história marcada por conflitos entre indígenas, sem-terra, posseiros, grileiros e fazendeiros. Embora o agronegócio patronal tenha crescido muito no território nos últimos anos, levando-o a ser chamado de “última fronteira agrícola”, esse ainda é conhecido devido ao seu grande número de assentamentos, cujos registros apontam 16 Projetos de Assentamentos, com uma média de 4900 famílias assentadas (SANTOS, 2017).

O município fica a aproximadamente 1200 km da capital Cuiabá e até meados de 2009, quando uma filha de um assentado ou a família tinha vontade que essa viesse a cursar o ensino médio, em uma escola agrícola para prosseguir com o trabalho na propriedade, muitas dificuldades se apresentavam, pois, a instituição mais próxima ficava a cerca de 1100 km, localizada na Serra de São Vicente, em Cuiabá. Essa distância aliada a fatores financeiros, receio das famílias em deixar as filhas tão longe de casa, o machismo e a imposição religiosa para o casamento impetrado na cultura da região até então, impedia a maioria de ingressar no curso ou estudar fora sendo poucas as mulheres que conseguiram.

Nesse contexto, a chegada da escola na região, em 2010, possibilitou que essas jovens tivessem acesso ao ensino técnico de qualidade e perto de casa, porém, vencida a primeira barreira física da distância, outros fatores continuaram e continuam a dificultar o acesso e a permanência das mulheres no ensino técnico.

Dessa forma, o presente estudo visa diagnosticar e conhecer as principais dificuldades e os desafios das mulheres, estudantes de uma escola agrícola, de origem rural do nordeste do Mato Grosso em acessar e permanecer no ensino técnico agrícola.

Metodologia

A pesquisa faz parte dos estudos iniciais sobre questões de gênero, sucessão em propriedades de agricultura familiar e empreendedorismo feminino no meio rural, e ocorreu durante o mês de maio e junho de 2023, tendo como público-alvo as estudantes do curso técnico integrado em Agropecuária do IFMT campus Confresa, as quais foram convidadas a participar de forma voluntária.

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva com abordagem quali-quantitativa, de natureza básica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Foi utilizado um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas sobre informações de idade e origem, participação das mulheres na agropecuária, divisão de tarefas nas famílias, sucessão familiar, preconceitos, dificuldades e desafios no acesso e permanência no curso técnico.

As respostas constituíram um banco de dados aos quais foram feitas as análises pertinentes.



Resultados e Discussão

O curso técnico integrado ao Ensino Médio em Agropecuária ofertado pelo IFMT – Campus Confresa, possui atualmente 194 alunos matriculados, sendo 46,39% mulheres. No entanto, a procura e acesso das mulheres em cursos técnicos, principalmente voltados à área agrícola, traz consigo barreiras em relação a comportamentos machistas, pois essa área ainda é vista como “coisa de homem”, condutas remetidas a alunas e professoras que, infelizmente, é uma barreira invisível aos olhos de muitos (BALSAMO; PENIZ, 2021). Apesar deste fato, observamos a crescente participação das mulheres nesse meio considerado tradicionalmente masculino e, em especial, de jovens oriundas da zona rural em busca de formação técnica, se empoderando e dando seguimento nas atividades rurais da família.

Das 90 alunas matriculadas no curso, 58 participaram da pesquisa, sendo do primeiro ao terceiro ano do curso técnico em Agropecuária, entre a faixa etária de 14 a 19 anos. Grande parte das entrevistadas (55,2%) tem origem rural, sendo 66,7% destas famílias possuem propriedade rural, principalmente em áreas de assentamento. Interessante ressaltar que no contexto histórico, em relação ao acesso à educação, o sexo masculino sempre foi priorizado e, em algumas situações, mulheres pertencentes à classe alta (ESMERALDO, 2009)

Esmeraldo (2009) relata que quando as escolas técnicas foram criadas, na década de 1910, apenas a elite masculina tinha acesso, mais adiante em 1940, foi implantada a ideia da criação de escolas agrotécnicas direcionadas ao ensino médio, com o objetivo de incentivar a juventude para o trabalho. Mas, somente em 1946, foi instituído por lei o acesso das mulheres ao ensino agrícola, porém, sendo limitadas ao curso de “Economia Rural Doméstica” e só a partir da década de 1970 essas limitações começaram a ser banidas (ESMERALDO, 2009). No entanto, é possível observar que é recente a participação da mulher na formação da Agropecuária devido a suas raízes patriarcais, que ainda carrega consigo muito preconceito.

No entanto, um fator relevante e interessante é que 55,2 % das entrevistadas as quais a família possui propriedade rural, desejam ser sucessoras no negócio e trabalho na terra, e veem na formação técnica uma oportunidade de atingir esse objetivo. Levando em consideração que 31,3% destas possuem vínculo com o Agronegócio, e 68,8% são de origem da agricultura familiar, acende a esperança de que, a vontade de voltar para a propriedade, venha junto com uma consciência de melhoria na produção, aliada a tecnologia e sustentabilidade, quebrando tabus de que a mulher é apenas uma ajudante ou submissa (DALMINA et al., 2007), tornando-a protagonista de uma nova forma de fazer agricultura, voltada principalmente à Agroecologia.



O aumento da escolaridade das jovens da zona rural vem acompanhado da quebra de outros paradigmas do campo na região. Nessa perspectiva, é possível observar que para 74,1% das entrevistadas, a divisão de tarefas entre homens e mulheres no âmbito doméstico e na propriedade, são consideradas “justa”. Quando questionado sobre a divisão de tarefas dentro da propriedade (manejo dos animais e cuidados nas roças), 60,3% responderam que, atualmente, as tarefas são divididas entre todos em forma de cooperação mútua, não havendo divisões entre serviços “de homem” e “de mulher”, e 40% relataram que toda a responsabilidade e trabalho da propriedade é dos homens, ficando para as mulheres apenas os serviços voltados aos cuidados com a casa. Em relação a esse fato Salvaro *et al.* (2016), afirmam que, com o passar dos anos, as mulheres se tornaram mais empoderadas e ativas, chegando a mencioná-las como “nova geração de agricultoras”, o que vem contribuindo para uma nova forma de pensar sobre essa divisão de fazeres entre homens e mulheres.

Quando questionadas sobre divisão das atividades domésticas, 59,1% disseram que as atividades são divididas entre todos na residência, independente do sexo, enquanto 40,9% responderam que são de responsabilidade feminina. Embora seja possível notar um aumento na divisão das tarefas no âmbito doméstico, reflexo também da maior participação das mulheres nas atividades e, principalmente, na gestão da propriedade, nota-se que uma parcela considerável ainda atribui afazeres como limpeza e preparo das refeições, como atribuições unicamente femininas.

A partir do momento em que essas jovens resolveram ir em busca de formação profissionalizante passaram a enfrentar muitos desafios, sendo o primeiro deles a desigualdade na oferta de vagas nos alojamentos de instituições de ensino. Geralmente, uma grande porcentagem de mulheres, que ingressam em uma escola de formação técnica agrícola, é oriunda de assentamentos rurais, com isso, necessitam morar nas residências estudantis (atualmente 66,88% das residentes são estudantes do curso técnico em agropecuária). Sendo esse um dos fatores de desistências quando não conseguem vaga, pois, atualmente, o número de vagas para os homens é 2 a 3 vezes mais do que para as mulheres, embora a procura pelas mesmas já seja igual.

Outro desafio diário é o preconceito! Aproximadamente 46,6% das entrevistadas ressaltaram que sentem ou já se sentiram inferiorizadas por cursarem um curso técnico ou pelo simples fato de deixarem a propriedade em busca de formação. Dentre as principais situações já presenciadas estão: falas machistas (60,7%), a descrença em sua capacidade (25%), voz ignorada (10,7%), além da dificuldade em encontrar estágios na área (3,6%), as quais na maioria das vezes, as melhores oportunidades são direcionadas somente a estudantes do sexo masculino ou querem direcionar as mulheres para trabalhos longe das áreas de produção.



A substituição de áreas de policultivos e/ou pastagens das propriedades familiares por monoculturas tem crescido muito na região nos últimos anos por meio de arrendamento (muitas vezes de forma ilegal) das terras dos assentados. Ocorre que, com solos degradados, sem assistência técnica, os agricultores, em sua maioria, não conseguem ver possibilidade de produção e lucratividade, o que faz com que cedam à pressão do agronegócio. Todavia, quando perguntamos às estudantes se possuem interesse em trabalhar na propriedade fazendo uso de práticas da Agroecologia, 87,5% disseram que se sim, o que é um fator de extrema importância pois, quando pensamos na construção de um modelo de agricultura familiar sustentável, não há como dissociar. Muitos pensam apenas em cultivo sustentável e se esquecem da questão de gênero e raça, sendo fundamental a participação e envolvimento das mulheres. (FREITAS et al., 2019).

Conclusões

Para as mulheres, de forma geral, prosseguir nos estudos é um grande desafio devido à sobrecarga histórica da tripla jornada (estudos, trabalho, maternidade, afazeres domésticos). Quando pensamos em uma formação técnica na área agrícola e em jovens filhas de assentados, esses desafios são ainda maiores, desde o acesso e até mesmo na permanência quando ingressam em uma instituição de ensino nessa área.

Dentre os principais desafios enfrentados pelas jovens estudantes destaca-se a desigualdade na oferta de vagas nas residências (pois muitas moram em assentamentos longes da instituição), o preconceito, que engloba diversas outras questões como as falas machistas, descrença na capacidade e dificuldade em conseguir estágio. Observa-se que muito se conquistou, mas há ainda muito a se conquistar como melhoria nas políticas de assistência estudantil voltadas ao público feminino, bem como projetos de conscientização referentes à valorização da mulher no meio, nos estudos em todas as áreas e o empoderamento destas.

Referências bibliográficas

BALSAMO, Gisiê M.; PANIZ, Catiane M. Um olhar sobre a inclusão das mulheres no curso de Agropecuária: um estudo específico em um campus do instituto Federal farroupilha. **Perspectivas em diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 8, n. 16, p. 309-327. 2021.

DALMINA, Sandra M.; KASPARY, Eunice S.; PILAR, Marisa H.; FALCÃO, Antônio D. F. Avaliação da participação das mulheres na propriedade e na geração da renda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, II, 2007, **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, p 1306-0309. fev. 2007.

ESMERALDO, Gema G. S. L. **Diálogos entre educação e sistemas de sexo-gênero, classe, raça e etnia**. In: XX Congresso Brasileiro de Economia Doméstica E VIII Encontro



Latino-americano de Economia Doméstica. Diálogos entre Educação e Sistemas de Sexo-Gênero, Classe, Raça e Etnia. 2009.

FREITAS, Rubenice M. Et al. **Agricultura orgânica e a participação das mulheres no sistema de produção no ano de 2019: uma abordagem nacional.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS COINTER-PDVAGRO, IV, 2019. Acesso em 09 de julho. 2023.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

SALVARO, Geovana I. J.; QUADROS, Samantha M.; ESTEVAM, Dimas O. Projetos profissionais de estudantes de um curso técnico em agropecuária. **Psicologia & Sociedade**, Criciúma/SC, v. 28, n. 2, p. 309-319, 2016.

SANTOS, Waldenyr. R. **Diagnóstico da Produção Agrícola no Assentamento Independente I no Município de Confresa – MT.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agronomia) – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Mato Grosso Campus Confresa. Confresa-MT, 2017. p. 54.